

MACUNAÍMA: UMA PROPOSTA PARA A LÍNGUA BRASILEIRA

Áurea Maria Bezerra Machado (UNIGRANRIO)

goldenmary@ig.com.br

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

1. Introdução

Botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente. (Mário de Andrade)

Macunaíma herói sem nenhum caráter é uma obra em forma de rapsódia, tomada emprestada da música, por Mário de Andrade, que começou a ser escrita em 1926, mas publicada apenas em 1928. Coincidentemente, aquele era o ano de lançamento do manifesto antropófago, por Oswald de Andrade. Apesar de Mário de Andrade não ter oficialmente participado do evento, a publicação dos “causos” do picaresco Macunaíma seria, segundo o próprio Oswald, a concretização da sua proposta antropofágica, pelo processo de “deglutição” dos aspectos culturais na nossa cultura no decorrer da narrativa.

Depois de quase um século, o livro continua sendo objeto de admiração e de interesse por parte daqueles envolvidos no estudo e apreciação da cultura nacional, tendo já virado filme de Joaquim Pedro de Andrade, peça teatral e até samba-enredo da Portela. Ao longo das décadas, a polifonia do seu discurso é objeto de pesquisa, pela concepção de que a personagem central, que é ímpar, sem precedentes na literatura brasileira, é a própria alegoria da nossa identidade.

Macunaíma é na verdade uma figura lendária da mitologia indígena pan-americana. O escritor foi encontrá-la no livro *Von Roraima Zum Orinoco*, de Theodor Koch-Grümbert, etnólogo alemão que, no início do Século XX, realizou pesquisas junto às tribos do extremo norte do Brasil. Segundo o cientista, o nome era formado da palavra *macku* (mau) e do sufixo aumentativo *ima* (grande). Após muito tempo de pesquisa e coleta sobre o folclore brasileiro e mitos indígenas, Mário de Andrade teria escrito a obra em apenas duas semanas, numa fazenda da família, no interior de São Paulo.

O que se pretende apresentar neste artigo é a obra do escritor modernista como uma proposta para a afirmação dessa língua brasileira, formada pelo processo de síntese entre a língua do colonizador europeu, registrada em gramática, com as das populações nativas, com as dos africanos e demais imigrantes, as variações regionais e populares de um país que se fez continente, interagindo com as expressões eruditas, os arcaísmos, as gírias e os neologismos, que fazem com que no Brasil coexistam, como no próprio parecer de Macunaíma, duas línguas: uma falada e outra escrita.

Em suma, este trabalho deseja analisar como Mário de Andrade, através da sua obra, propõe, inicialmente, um processo de desconstrução, para se chegar assim a uma língua brasileira, dando voz à identidade nacional, por meio do discurso polifônico dessa sua personagem, que nos faz perceber quanto plural e original é a nossa expressão de contar e perpetuar.

2. *A evolução da língua brasileira na obra*

Na verdade, a narrativa é a própria evolução da língua portuguesa no Brasil. É relevante dizer que a nossa cultura é multifacetada, polifônica, o resultado de quinhentos anos do “roçar de outras falas e saberes”. Deste modo foi que, no início do século XVI, tendo aqui chegado, os portugueses colonizadores perceberam através dos jesuítas, que aprender as línguas indígenas era o caminho para a catequese e conseqüentemente, para a colonização da população nativa. Por isso, no princípio, eram as línguas ameríndias, as línguas do tronco tupi, o *nheengatu*, séculos mais tarde ainda o sonho do nosso Policarpo Quaresma. Não há, portanto, como estudar a evolução linguística em nossas terras, ignorando a existência das línguas indígenas e o contato delas com o português de além-mar. Assim, o herói sem caráter, desde os tempos de *piá*, morava com a sua família na *maloca*, dançava a *poracê*, o *torê*, o *bacorocô* e a *cucuicogue*, brincava com as *cunhatães* nos *igarapés*, comia *milho*, *macaxeira*, *guaiamus*, *piabas*, *pacovas*, *aluá*, *cachiri*, *mapará*, *maracujá-michira*, *paçoca de viado* e *carne fresca de cutiara*, acreditava no *boto*, no *curupira*, e em *anhangá* e procurava rastro fresco de *anta*, mesmo se estatelando de medo da *suçuarana*. Andava no mato, seguido pelos séquitos de araras vermelhas e jandaias e ficava por lá até a *boca da noite*. Quando ia dormir, trepava no *macuru*. Talvez por isso, Macunaíma possuía esse nome ameríndio e tenha nascido de uma índia tapanhumas, trazendo em si esse gos-

to por criar “verdades” para explicar as coisas que surgem e acontecem, os mitos. Como demorou a falar, “deram água num chocalho pra ele e o *curumim* principiou falando como todos.” Porém, mesmo antes, já se sabia de sua inteligência, porque “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta.” Como tinha tudo de uma raça, “que não tem medo de fumaça”, nasceu de mãe *índia*, mas “era preto retinto e filho do medo da noite” e como nas “histórias de trancoso”, um belo dia “ficou um príncipe lindo.” São interessantes estas diversas mutações sofridas pela personagem. Nasce feio, pequeno, negro e preguiçoso, vira índio e até loiro de olhos azuis, sendo uma síntese genética do povo brasileiro, formado ao longo de quinhentos anos pelas três raças, a indígena, a branca e a negra. Apesar das mudanças físicas sofridas, segundo Cavalcanti Proença, em sua obra “Roteiro de Macunaíma”, o herói “não adquire alma europeia. É branco só na pele e nos hábitos. A alma é uma mistura de tudo.” Cavalcanti Proença esclarece ainda que o nome de sua tribo *tapanhumas* é uma palavra de origem tupi, que designa os negros filhos da África, que moravam no Brasil. Seriam *os tapanhumas* uma tribo lendária de índios brasileiros, com características físicas de negros.

Macunaíma prova que podemos nos expressar, de uma maneira bem clara e original, através dos ditos populares, que chamaremos, com bastante propriedade, de “discurso do povo”: Macunaíma conversa com a mãe ao acordar: “Mãe, sonhei que caiu meu dente./ Isso é morte de parente.” E debate com os irmãos “Maanape já velhinho e *catimbozeiro* e Jiguê na força de homem”: “A primeira pancada é que mata a cobra”; “Não me olhe de banda que não sou quitanda”; “Quem conta história de dia cria rabo de cotia.” “Gato miador, pouco caçador, gente”; “Que é isso? Chouriço!” O herói um dia apaixona-se por Ci, a rainha Mãe do Mato, e desse grande amor nasce um filho encarnado. Macunaíma batia na cabeça do *piá*, dizendo: “Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro”, que, como “reza a lenda”, é costume das mães no Norte e Nordeste do Brasil. O texto da rapsódia é construído a partir de uma série de lendas a que se misturam superstições, provérbios e anedotas. O tempo e o espaço não obedecem a regras de verossimilhança e o fantástico se confunde com o real durante a narrativa. Quando o *curumim*, *filho do herói*, morreu, chupando o peito envenenado da mãe, “o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos, muita dança e muito pajuari” e virou uma plantinha, *o guaraná*. “Com as frutinhas piladas dessa planta é que a gente cura muita doença e se refresca durante os calorões de Vei, a Sol.” (ANDRADE, 1928, p. 21) Com a perda do filho, Ci, a Mãe do mato, tristemente sobe para o céu e vira a *Beta Centau-*

ro. Quando os irmãos tentam consolar Macunaíma, ele, fazendo uso da sabedoria da voz popular exclama com tristeza: “Qual, manos, amor primeiro não tem companheiro.” E sempre exclamando: “Ai! Que preguiça!...” roía os dedos “agora cobertos de verrugas de tanto apontar estrelas.”

Antes de subir para o céu e virar estrela, Ci presenteia o marido com o amuleto *Muiraquitã*, que mais tarde, será roubada por Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã, comedor de gente. Macunaíma e os manos ficam sabendo que o ladrão mora na Cidade de São Paulo, *a Grande Taba do Igarapé Tietê*, para onde partem, para viver grandes aventuras, entre as quais, aquela em que a personagem central presenciará o encontro do brasileiro falado com o português escrito.

3. *Sobre a “Carta pras Icamiabas”*

No capítulo *Carta pras Icamiabas*, um relato de ação, o plural Macunaíma será dessa vez um cronista-mor, contando às amazonas da tribo de Ci as suas aventuras e suas “impressões de viagem” sobre São Paulo, através de um discurso polifônico, no qual se misturam o arcaico e os neologismos, o erudito e o indígena, a paródia e a paráfrase, tendo por fim, Mário de Andrade construído um texto original e crítico, sobre a prática da língua portuguesa no Brasil, sobretudo quando se trata da diferença percebida pelo herói que há entre o falar e o escrever: “ora, sabemos que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra...” (ANDRADE, 1928, p. 62):

Como vedes, assaz hemos aproveitada esta demora na ilustre terra bandeirantes, e si não descuidamos do nosso talismã, por certo que não poupamos esforços nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciaremos quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de melhoramentos, que, muito nos facilitarão a existência, e mais espalhem nossa prosápia de nação culta entre as cultas do Universo.... É São Paulo construída sobre sete colinas, á feição tradicional de Roma, a cidade cesárea, “capita” da Latinidade de que provimos...as ditas artérias são todas recamadas de ricocheteantes papeizinhos e velívolas cascas de frutos....Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar...Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões.” (ANDRADE, 1928, p. 59, 60, 62)

Durante a “epístola”, Mário de Andrade insere no discurso do “imperator” do Mato Virgem (assim a personagem assina a carta), esses termos arcaicos que muitas vezes nem se compreende, objetivando uma crítica sobre essa “faceta da língua”, tomada emprestada dos nossos oradores puristas que ainda discursavam no início do Século XX. O autor confessaria mais tarde, em carta a Raimundo Moraes: “...pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais.” Mas elogia o sabor das vozes populares da língua brasileira.

Parafraseia ainda a narrativa grega de Jasão e o *velocino de ouro*, bem como o, próprio discurso do *Velho do Restelo*, de Camões: “Sem demora nos partimos para cá em busca do “*velocino roubado*” (a pedra Muiraquitã) (ANDRADE, 1928, p. 56); “...e que já estamos carecidos do *vil metal* , para brincar com tais difíceis donas.” (ANDRADE, 1928, p. 57), numa alusão à necessidade de terem dinheiro para “brincar” com as prostitutas polacas, as *filhinhas da mandioca*, maneira carinhosa com que Macunaíma as chamava, por terem a pele muito branca. Inclusive, a parte do texto em que o autor descreve as “tais damas” é paródia da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, quando o escrivão da Frota de Cabral descreve a Dom Manuel, o venturoso, as nossas nativas: “Andam elas vestidas de rutilantes joias e panos finíssimos, que lhes acentuam o donaire do porte, e mal encobrem as graças, que, a de nenhuma outra cedem pelo formoso torneado e pelo tom.” (ANDRADE, 1928, p. 57)

Não se pode deixar de comentar a interação que o autor realiza do erudito com a nossa oralidade indígena: “...e de voz se afirma cavalgar-des ginetes beligeros e virdes da Hélade clássica...Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre nós...” (ANDRADE, 1928, p. 55) Na verdade, na Língua brasileira, há sempre uma pluralidade por trás das falas , das expressões, dos relatos, porque a nossa híbrida identidade discursiva foi erguida pelo cruzamento de culturas, maneiras e saberes. Além da crítica, que é bem desenvolvida, demonstrar tal riqueza parece realmente ser um dos objetivos do escritor. Mário de Andrade textualiza inclusive a crítica que alguns pensadores arcaicos faziam da criatividade do português-brasileiro, no início do Século XX: “...sendo que alguns desses termos são neologismos absurdos -bagaço nefando com que os desleixados e petímetres conspiram o bom falar lusitano.”(ANDRADE, 1928, p. 55)

4. *A língua africana em Macunaíma*

Após algumas tentativas frustradas para recuperar a *Muiraquitã*, Macunaíma decide ir à “oceânica cidade do Rio de Janeiro – a mais bela do mundo, na opinião de todos os estrangeiros, e que por meus olhos verifiquei.” (ANDRADE, 1928, p.63) no Zungu da tia Ciata, “feiticeira como não tinha outra, mãe de santo famanada e cantadeira ao violão.” (ANDRADE, 1928, p. 43) para vingar-se de Venceslau Pietro Pietra, seu grande antagonista, encomendando a Exu uma sova no gigante. O capítulo em questão chama-se *Macumba*, palavra de origem iorubá, uma das mais de duzentas línguas africanas que chegaram ao Brasil com os escravos a partir do Século XVI. Segundo Bessa-Freire, as palavras desse dialeto “se restringem mais ao vocabulário da culinária e da religião, em que as manifestações culturais são mais nítidas.” (BESSA-FREIRE, 2008, p. 169) O interessante é que essa é uma das palavras africanas que mais caracterizam a contribuição linguística do negro para o português, talvez por conta do culto afro do candomblé, entre a nossa gente. Macunaíma não vem apenas ao terreiro no Rio. Vem conhecer a África intrínseca no nacional, que está na língua, na religião, na comida, na música e na dança. Na ocasião, a personagem é apresentada a *Exu, a Xangô, a Nagô e à Iemanjá*. Toma *cachaça*, come *mugunzá* e dá *saravá*. Porém, mais do que isso, celebra, canta e dança um samba de arromba com Pixinguinha, Manuel Bandeira, Dodô, Jaime Ovalle e outros. E Macunaíma, que tinha nascido preto, retinto e filho da noite, mas que era também um índio que habitava a aldeia às margens do Uraricoera e que depois virara loiro de olhos azuis, que chegara a São Paulo para se alumbrar com os “filhos da mandioca”, agora estava ali, no terreiro da Tia Ciata, interagindo na crença e na fala, tornando-se cada vez mais um herói brasileiro sem nenhum caráter, mas como nunca antes se tinha ouvido falar nesse mundo.

5. *A identidade a partir do idioma*

Tramando recuperar o amuleto, “Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito.” (ANDRADE, 1928, p. 64). O herói estava fascinado com as duas realizações da fala dos paulistas, porque algumas palavras eles escreviam de um jeito, como “orifício”, por exemplo, mas na hora de falar, ninguém dizia assim. Isso aconteceu quando ele quis saber como se chamava o buraco da “máquina roupa”, onde se enfiava a flor, que depois descobriu ser “botoeira”, o que também quase não se dizia. Assim,

ele inventou o tal “puíto”, que virou o palavra mais famoso da *Grande taba do Igarapé Tietê*. Na ocasião, a palavra chegou até a entrar para as famosas revistas de etimologia da época, dando muito trabalho para os doutores, que acabaram inventando uma notável origem para o vocábulo, que teria vindo do latim *rabanitius*.

Não só durante a estada de Macunaíma em São Paulo, mas no decorrer de toda a narrativa, o autor mostra o quão é polifônico o discurso desse herói, que sendo índio, imperador do Mato Virgem, conta-nos de maneira divertida suas lendas e crenças, mas também se encanta com o erudito, apesar de às vezes não compreendê-lo e, portanto, demonstra como é simples a fala pelos “ditos populares”. Cria neologismos, viaja pelos regionalismos e apropria-se por empréstimos de tempos estrangeiros, como o francês e o italiano. Macunaíma é daqueles que um dia, sai de casa “caçando sarna pra se coçar”, e nós, leitores, sabemos que ele “vai se dar mal”. Noutros, parece que ‘viu passarinho verde’ e está feliz. E compartilhamos dessa felicidade. Às vezes, parte “sorumbático” para algum lugar, em busca de aventuras, enxergando um “despotismo de timbó.” E então, para simplificar, porque afinal de contas, “ai, que preguiça!” prefere explicar tudo pela crença, pelo folclore, pela magia e pelo mito do índio, e também pelos mitos de uma sociedade moderna e tecniizada, pelas conquistas e mazelas, pelas várias heranças que realmente herdamos, ao longo de quinhentos anos: “Aquelas quatro estrelas lá é o Pai do Mutum! Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são! E quem conta história de dia, cria rabo de cotia...” (ANDRADE, 1928, p. 67-69)

6. *Considerações finais*

Macunaíma o herói sem nenhum caráter, de fato sem a vírgula entre o nome e o aposto, escrito em forma de rapsódia, pela grande paixão que poeta e escritor tinha pela musicalidade e pela cultura popular, revela-se ao longo de quase um século, como uma proposta modernista para oficializar essa língua brasileira, e estabelecer a sobrevivência da nossa identidade a partir da oralidade da literatura. É o orgulho de ser brasileiro, nessa língua que não pretende mesmo ser pura. É na verdade, uma rapsódia linguística de muitos cânticos, vindos de muitos cantos, porque segundo Geneviève Bollème “o povo deve poder forjar sua língua”, o que se sucedeu num longo período de embates sociais, culturais e

políticos, para que à medida em que a nossa identidade fosse sendo construída, essa língua lusófona de além-mar, se tornasse brasileira.

O papagaio de Macunaíma é quem conta a Mário de Andrade as frases e os feitos do herói, cujas peripécias foram vividas num tempo e espaço mágicos: “Só o papagaio conservava no silêncio as frases e os feitos do herói. Tudo ele contou pro homem e depois abriu asas rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente.” (ANDRADE, 1928, p. 126) O papagaio da personagem chega a nos lembrar da jandaia de Iracema, que cantava no olho da palmeira, mas que no final da narrativa, já não repetia o mavioso nome da heroína de Alencar, que chegou até nós, leitores, por uma “carta que o escritor teria escrito a um certo primo, o senhor Domingos Jaguaribe”. Mas Macunaíma, nosso herói capenga, não morreu; só abandonou esse mundo e foi para o céu virar constelação, a Ursa Maior. É possível vê-lo no céu à noite. É possível encontrá-lo na fala da gente brasileira e ainda, na nossa literatura, espaço intermediário da nossa linguagem. Macunaíma estará sempre na nossa memória coletiva, que recompõe magicamente o nosso passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Editora Vila Rica, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOLLEME, Geneviève. *O povo por escrito*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins, 1988.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Orgs.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.